

Funaro não obtém resultado no primeiro dia nos EUA

SÍLVIA FARIA

WASHINGTON — O primeiro dia de contatos do Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, com autoridades do Governo americano, não apresentou resultados concretos que possam ser considerados pelo menos como uma promessa de apoio do Governo dos Estados Unidos à posição brasileira, diante da próxima negociação da dívida. Em entrevista à imprensa, o Ministro foi evasivo. Falando sempre em português ele repetiu os argumentos que levaram o País a suspender o pagamento dos juros.

Após um atraso de mais de uma hora para a entrevista, que deixou os jornalistas estrangeiros irritados, Funaro explicou que veio para conversar com as autoridades americanas sobre as causas que levaram à suspensão do pagamento dos juros, resumidas pela queda das exportações brasileiras. Em diversas ocasiões ele repetiu que veio pedir a normalização do fluxo do financiamento para todos os países devedores para evitar que eles tenham que adotar a mesma posição do Brasil.

A receptividade do Governo americano ao Ministro da Fazenda do Brasil foi fria. Nenhum funcionário do Governo dos Estados Unidos foi buscá-lo no aeroporto ou na Embai-

xada. O Ministro deu demonstrações de desagrado pela companhia de jornalistas brasileiros. A imprensa estrangeira por sua vez, demonstrou hostilidade ante o discurso do Ministro, classificado de populista e declarou-se frustrada com a entrevista.

Sintetizando as conversações que manteve com autoridades americanas, Funaro disse que explicou a posição brasileira e que pediu ao Presidente do Federal Reserve, Paul Volcker, e ao Secretário do Tesouro, James Baker, "mecanismos que tornem mais fácil o refinanciamento do sistema financeiro para que todas as nações com problemas semelhantes aos brasileiros não tenham que suspender os seus pagamentos para manter seu crescimento e sua liquidez".

Funaro disse que a decisão brasileira foi uma atitude lógica de defesa. Ela não precisaria ser adotada "se os mecanismos de financiamento fossem mais ágeis". Ele citou exemplo de um país vizinho — numa referência à Argentina — que aguardou meses para obter o empréstimo só decidido nesta semana.

Baker, que no passado defendia novos empréstimos para os países devedores investirem, crescerem, e pagarem suas dívidas, não repetiu esta proposta ao Ministro brasileiro.